

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 12 | Nº 34 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488



INTERNACIONALIZAÇÃO:

REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO SÉCULO XXI

Betania Leite Ramalho¹

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos²

Jefferson Gustavo dos Santos Campos³

Resumo

Este estudo, de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa, objetiva refletir sobre o papel da internacionalização da educação superior na atualidade e suas repercussões no contexto universitário no século XXI. Para tanto, nos pautamos em pesquisas e documentos de reconhecida importância, centrados na internacionalização da educação superior como categoria de análise para potencializar o desenvolvimento das nossas reflexões. Os resultados apontaram para uma maior popularização da internacionalização transfronteiriça (*crossborder*) em relação à integral (*comprehensive*), do currículo e *at home*. Nesse sentido, nosso esforço foi propositivo, trazendo recomendações para cada eixo da internacionalização, pois acreditamos que elas podem contribuir para a ampliação do debate na educação superior e alicerçar projetos para além da pós-graduação.

Palavras-chave: Educação Superior. Internacionalização. Sociedade do Conhecimento.

Abstract

This study, of a bibliographic nature and with a qualitative approach, aims to reflect on the role of the internationalization of higher education today and its repercussions in the university context in the 21st century. To this end, we are guided by studies and documents of recognized importance, centered on the internationalization of higher education as a category of analysis to enhance the development of our reflections. The results pointed to a greater popularization of cross-border internationalization, in relation to integral (*comprehensive*), curriculum and *at home*. In this sense, our effort was purposeful, bringing recommendations for each axis of internationalization, as we believe that they can contribute to the expansion of the debate in higher education and to support projects beyond graduate studies.

Keywords: Higher Education. Internationalization. Knowledge Society.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir sobre a educação superior na contemporaneidade requer dos agentes educacionais uma atenção ímpar às rápidas mudanças presentes na atual sociedade do conhecimento. Dentre elas, destacamos as (re)configurações nos âmbitos sociocultural, político, econômico-financeiro, tecnológico. Nesse sentido, pensar como tais transformações impactam e repercutem na educação superior torna-se uma necessidade premente para se levar à cabo a indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). E-mail para contato: betania.ramalho.edu@gmail.com

² Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mestre e doutor em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). E-mail para contato: guilherme.mendes@unir.br

³ Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail para contato: jefferson.santos@unir.br



extensão, na qual se inserem princípios como o da autonomia universitária (didático-científica, administrativa), e o da gestão financeira patrimonial. No entanto, o atual contexto da educação superior neste século, amplia as perspectivas e responsabilidades científicas, acadêmico-formativas e porque não incluir as tecnologias, a inovação, o empreendedorismo, a comunicação e a difusão do conhecimento no âmbito nacional e internacional.

Pondo em discussão as atuais demandas que vem se delineando para a educação básica, a superior e pós-graduada, em particular, concordamos com Santos e Almeida Filho (2012), que defendem a internacionalização como uma quarta missão da educação superior. Para esses autores e para nós, pensar sobre a internacionalização nos aproxima de certas dimensões que compõem a cultura e o comportamento acadêmico e científico das grandes instituições: a cooperação, a formação de grupos de pesquisa, o diálogo para além das fronteiras geográficas e a busca por respostas aos fenômenos de um mundo globalizado e em constante transformação. Essa nova cultura decorrente desse cenário internacional exige novas maneiras de pensar, conceituar, estruturar e implementar as políticas educacionais universitárias que afetam os distintos agentes educacionais e os espaços institucionais, desde o contexto do ensino-aprendizagem ao de governança universitária. De acordo com Knight (2003), a internacionalização pode ser compreendida como um eixo presente na educação superior que busca transcender o local, ou seja, busca, por meio de experiências, modelos, processos, pesquisas, promover a compreensão do global para os sujeitos que fazem parte da comunidade acadêmica.

Partindo de tais pressupostos, esse estudo objetiva refletir sobre o papel da internacionalização da educação superior na atualidade e suas repercussões no contexto universitário no século XXI. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico (GIL, 2012; CRESWELL, 2010) e de abordagem qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Para tanto, nos pautamos em pesquisas e documentos de reconhecida importância, centrados na internacionalização da educação superior como categoria de análise para potencializar o desenvolvimento das nossas reflexões.

Estudos consultados (MOROSINI, 2018; 2019; BARANZELLI, 2019; ALTBACH, KNIGHT, 2007; KNIGHT, 2003; SANTOS; REIS, 2020; RAMOS, 2018; SANTOS, 2018; UNESCO, 2015; 2016) apontaram para o peso que apresentam duas categorias conceituais, a saber: 1) *Internacionalização da educação superior: (re)configurações no contexto universitário* e; 2) *Internacionalização da educação superior: possibilidades e perspectivas*. Para isso, apresentamos, na sequência, as reflexões das categorias emergentes, as considerações finais e as referências que utilizamos para embasar o presente estudo.



INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: (RE)CONFIGURAÇÕES NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Considerar a internacionalização como um eixo estratégico na educação superior consiste em tratá-la como um campo inerente às distintas ações realizadas no ambiente universitário. Significa dizer que ela pode estar presente nos processos de ensino-aprendizagem, na elaboração e na constituição dos currículos, nas ações extensionistas, bem como na gestão e na governança universitária (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012).

Partindo desta perspectiva, trazemos à luz a reflexão de Morosini (2019, p. 13), para quem a internacionalização é campo vasto que permeia a educação superior, uma vez que ela “[...] é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global”. Para a autora, a internacionalização é um fenômeno que acompanhou os movimentos da sociedade do conhecimento, especialmente pelo advento da globalização. Logo, sua presença no *lócus* educacional seria inevitável.

Nesse contexto, por serem a qualidade, os objetivos do desenvolvimento sustentável – ODS (UNESCO, 2015) e a cidadania global (UNESCO, 2016) pilares para a formação humana na atualidade, a internacionalização emerge como um vetor que contribui para a efetividade de tais perspectivas. Sendo assim, quando centramos nossa atenção para a educação superior, hegemonicamente, o pensamento social sobre internacionalização consiste na ideia de mobilidade e de que sua presença, quase que exclusivamente, se localiza na pós-graduação, portanto, um espaço altamente seletivo. É dizer, para se internacionalizar, no ideário social, há a necessidade da mobilidade física e territorial para espaços geográficos distintos ao seu, bem como a realização de viagens (inter)nacionais, fluência em outros idiomas, poder aquisitivo financeiro (em grande medida), os indispensáveis contatos prévios com interlocutores do lugar onde se almeja ir, além de uma capacidade de viver uma experiência de vida, por vezes atrativas, formativas e imprevisíveis... Diversos estudos apontam para uma outra perspectiva, identificando quatro grandes eixos da internacionalização e o modo como interagem e se incorporam ao contexto universitário (ALTBACH; KNIGHT, 2007; MOROSINI, 2019; SANTOS; REIS, 2020). São eles: 1) internacionalização integral (*comprehensive*); 2) internacionalização do currículo; 3) internacionalização *crossborder* ou transfronteiriça; 4) internacionalização *at home*.

Dada a reconhecida cultura hegemônica, a maior presença e a consolidação da internacionalização se inserem na pós-graduação, em razão da cultura acadêmica científica que caracteriza e promove oportunidades: a participação em atividades desenvolvidas em redes, entre grupos de grupos de pesquisa, em mobilidades acadêmicas, intercâmbios entre estudantes e



pesquisadores. Contudo, ainda que de maneira incipiente, observamos que aos poucos, atividades de internacionalização começam a acontecer na graduação.

Quando tratamos da *internacionalização integral*, nos referimos às ações destinadas aos modelos institucionais destinados à gestão e à governança universitária. Neste eixo, são consideradas as políticas institucionais voltadas às ações internacionais, além do modo como as Instituições de Ensino Superior (IES) estão pensando a efetividade de tais políticas para e com a comunidade acadêmica. Aqui, também estão presentes o desenvolvimento e a implementação de estratégias de internacionalização nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão e como o grupo gestor busca fomentar, elaborar, implementar, efetivar e avaliar tais estratégias para sua IES.

No eixo da *internacionalização do currículo*, o foco está nos processos de ensino-aprendizagem e centrado nos estudantes e professores (MOROSINI, 2018). No âmbito discente, busca-se a implementação de atividades que possibilitem a formação por meio de vivências ao longo da graduação e/ou pós-graduação que atentem para experiências internacionais, seja pelas aulas com participação de professores e estudantes de outros países, seja pelas aulas ministradas em outros idiomas, realização de disciplinas em parceria com IES estrangeiras etc. Já no âmbito do professorado, este eixo preconiza a profissionalização e o desenvolvimento profissional de docentes para um viés internacional, de modo que tenham a oportunidade de interagir, compartilhar experiências com vistas a aprimorar suas práticas pedagógicas e qualificar a formação dos estudantes ampliando, portanto, seu campo de inserção e domínio de novas aprendizagens potencializadoras do seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Por isso, quando falamos de profissionalização da docência e desenvolvimento profissional de professores, concordamos com Ramalho, Nuñez e Gauthier (2003), Ramalho e Nuñez (2014) e Tardif (2015), que destacam a necessidade de os docentes estarem em constante aprimoramento formativo para potencializar suas atividades acadêmico-profissionais e os processos de ensino-aprendizagem na educação, seja na educação básica e/ou superior. Os autores também defendem o desenvolvimento de competências autônomas e que os professores tenham um espírito científico e uma atitude protagonista em sua carreira. Nesse sentido, ao pensarmos no contexto da internacionalização, entendemos que ela pode ser percebida pelos docentes como uma competência a ser desenvolvida ao longo de sua trajetória acadêmico-profissional.

No eixo da *internacionalização transfronteiriça*, o cerne consiste na mobilidade física e geográfica dos sujeitos. É dizer, diz respeito à mobilidade dos intercâmbios, às viagens de estudos e às missões universitárias em instituições estrangeiras, bem como à recepção de pesquisadores e estudantes no Brasil. Também podemos considerar aqui, os mestrados e doutorados sanduíches, os estágios de pesquisa, a participação *in loco* em projetos de pesquisa internacionais, as atividades dos grupos e redes



de pesquisa internacionais entre outros. Esse é um eixo historicamente muito bem consolidado na pós-graduação *stricto sensu* brasileira.

De acordo com Ramos (2018), a internacionalização na pós-graduação é um campo estruturado e que possui lógica e mecanismos próprios, haja vista a popularização de ações destinadas à mobilidade de estudantes e de professores para países estrangeiros. Além disso, destaca a forte participação em redes internacionais de pesquisa, a consolidação de grupos, a concessão de bolsas de estudos e de pesquisa por agências de fomento, os acordos e convênios internacionais dentre outras ações. Para a autora, para poder se pensar a internacionalização em outros níveis, pode-se considerar a pós-graduação *stricto sensu* como um modelo a ser seguido.

Por fim, a internacionalização *at home* consiste em uma perspectiva inclusiva, uma vez que contempla o desenvolvimento de atividades internacionais para a formação da comunidade acadêmica sem a necessidade de mobilidade física (BARANZELLI, 2019). Podemos dizer que é um eixo democrático, acessível e de baixo custo para o contexto universitário, visto que se apoia na utilização de recursos e tecnologias digitais para a interação entre o local e o global, ou seja, entre o nativo e o estrangeiro. O sujeito não precisa se deslocar geograficamente para considerar que foi partícipe de atividades de internacionalização. A exemplos, destacamos a realização de cursos *online*, híbridos, com a participação de professores e estudantes estrangeiros, realização de palestras em outros idiomas, assistência em disciplinas de universidades estrangeiras, entre outras ações.

Frente ao exposto, na próxima seção, apresentamos algumas reflexões acerca das possibilidades e das perspectivas para a internacionalização na educação superior.

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Avançando na discussão aqui exposta, esta seção centra-se no esforço do indicativo de possibilidades e de perspectivas para a efetivação da internacionalização na educação superior, na atualidade. Segundo Morosini (2018), Knight (2003) e Altbach e Knight (2007), internacionalizar consiste em transpor fronteiras, seja física e/ou digital, de modo a proporcionar ao sujeito uma formação que amplie sua visão profissional, acadêmica, político-social e cultural por meio de vivências globais.

Outro ponto que não podemos deixar alheio, diz respeito ao domínio de uma língua estrangeira para uma maior ascensão e inserção no cenário internacional. Segundo Finardi, Santos e Guimarães (2016), as línguas estrangeiras não são fatores exclusivos para a internacionalização, mas contribuem para sua efetividade e projeção das ações em um contexto global. Para os autores, o domínio de uma



segunda língua, por exemplo, pode trazer ao sujeito uma maior inserção no mundo globalizado e, por conseguinte, ter melhores oportunidades. Sendo assim, destacamos que a proficiência em uma língua estrangeira, especialmente na educação superior, torna-se um elemento importante a ser considerado na formação do sujeito e, por extensão, na organização das atividades de internacionalização, independentemente do eixo a ser pensado.

Neste sentido, a partir das leituras realizadas e considerando os quatro eixos da internacionalização, trazemos algumas possibilidades e perspectivas para pensarmos na temática no contexto do século XXI.

Em relação ao eixo da *internacionalização integral*, recomendamos que seja possível o desenvolvimento de ações que busquem:

- fomentar a formação de gestores universitários nos distintos níveis hierárquicos com a finalidade de reformulações, políticas e estratégias de internacionalização para o contexto institucional da graduação e pós-graduação;
- desenvolver parcerias interinstitucionais para o fortalecimento de políticas de internacionalização na educação superior;
- elaborar modelos de gestão que contemplem efetivamente a internacionalização como um eixo transversal nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI) e nos demais documentos normativos das IES.

No que concerne ao eixo da *internacionalização do currículo*, ao refletirmos sobre os processos de ensino-aprendizagem, acreditamos que seria possível o desenvolvimento de ações que visem:

- propor componentes curriculares, na graduação e pós-graduação, que tenham a participação de professores e de estudantes estrangeiros;
- promover a formação docente e o desenvolvimento profissional por meio de atividades que transcendam a realidade local, de modo a se pensar no contexto global;
- utilizar metodologias e práticas que possam se apoiar em outros cenários, de acordo com a realidade de cada grupo e contexto da IES;
- reformular os planos de ensino, projetos pedagógicos de cursos em uma dinâmica (inter)nacional centrados em diferentes realidades – local e global.

Quanto ao eixo da *internacionalização transfronteiriça*, entendemos que, mesmo sendo o mais consolidado, se pode buscar ações que intentem:

- fortalecer os grupos e as redes de pesquisas (inter)nacionais por meio de socialização acadêmico-científicas;



- desenvolver programas de fomento para concessão de bolsas institucionais para a realização de mobilidade acadêmica estudantil;
- desenvolver políticas institucionais de apoio financeiro para a formação e qualificação docente no exterior;
- promover políticas institucionais de recepção de pesquisadores e estudantes estrangeiros dos diferentes países.

Por fim, no quarto e último eixo, o *da internacionalização em casa*, recomendamos ações que procurem:

- promover cursos de extensão com viés internacional por meio de atividades híbridas e/remotas entre regiões e países distintos;
- intensificar a participação de professores e estudantes estrangeiros nas disciplinas da graduação por meio de atividades específicas e orientadas com o auxílio das tecnologias digitais;
- fortalecer projetos de pesquisa e extensão que se pautem na participação de estrangeiros, em ações e atividades em outros idiomas, bem como nas interações tecnológicas entre países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a ideia da importância da reflexão acadêmico-científica acerca da educação superior, destacamos seu papel formativo, social e profissional para os avanços da sociedade do conhecimento (SANTOS, 2018). Neste sentido, quando focalizamos nossa atenção para o campo da internacionalização, buscamos compreender e contribuir para que a temática em tela possa ser alvo de maior publicização e discussão no meio científico. Destacamos, também, que é um campo emergente, não recente, mas que vem ganhando evidência nas últimas décadas. Por isso, com o advento da globalização, pensar a internacionalização se torna fulcral para este nível educativo.

Ademais, considerando-a como a quarta missão universitária, a internacionalização precisa de maior difusão no ambiente da educação superior, não somente na pós-graduação, onde já possui uma consolidação efetiva, mas para a graduação também. Defendemos, aqui, a importância do desenvolvimento de uma cultura de internacionalização nas IES, que envolva desde a gestão até a comunidade acadêmica como um todo.

Sendo assim, acreditamos na necessidade de uma maior preocupação na busca pela implementação da internacionalização como uma política institucional, de modo a potencializar a formação acadêmica do alunado e a qualificar as práticas pedagógicas docentes com um viés global. Para isso, entendemos que a educação superior é um meio propício para efetividade de uma formação



humana, cidadã e global do sujeito, visto que a sociedade do conhecimento do século XXI, frente as constantes e velozes mudanças, demanda aos ambientes formativos a contribuição para o acompanhamento de tais transformações.

À guisa de uma conclusão, acreditamos que a cultura da internacionalização da educação superior é um caminho que está, aos poucos, ganhando visibilidade e espaços no ambiente universitário. Ainda que tímida, é um tema que, nos parece, ser um eixo que será um pilar transversal para apoiar as ações de ensino, pesquisa e extensão no século XXI. Por isso, entendemos que tais proposições podem ser capazes de contribuir com o debate e alicerçar projetos formativos de internacionalização, para além da pós-graduação.

Embora, o presente estudo não tenha dedicado uma sessão ao tema do necessário e urgente domínio de uma segunda língua, como o inglês, o espanhol, o francês, o mandarim, o árabe, entre outras, há um reconhecimento, na atualidade, sobre o peso e a importância que a proficiência numa segunda língua representa para as futuras gerações. Portanto, seja em que nível educativo possa estar inserido um estudante – educação básica, superior, pós-graduada, - seu futuro poderá ser mais promissor e sua capacidade para compreender o mundo e nele bem se inserir, à medida que se amplie os espaços de inserção nesse mundo globalizado. Nesse sentido, a internacionalização, se democratizará, passando a ser apenas um conceito e quem sabe uma disciplina pedagógica curricular, norteadora dos conhecimentos e saberes transnacionais.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. “The internationalization of higher education: motivations and realities”. **Journal of Studies in International Education**, vol. 11, n. 3, 2007.

BARANZELLI, C. “Modelo de internacionalização em casa – IaH”. *In*: MOROSINI, M. (org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos quantitativo, qualitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FINARDI, K.; SANTOS, J.; GUIMARÃES, F. “A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal”. **Interfaces Brasil/Canadá**, vol. 16, n. 1, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

KNIGHT, J. “Definição Atualizada de Internacionalização”. **Educação Superior Internacional**, n. 33, 2003.



MOROSINI, M. C. “Internacionalização do currículo: produção em organismos multilaterais”. **Revista Roteiro**, vol. 42, n. 1, 2018.

MOROSINI, M. C. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Editora da FEEVALE, 2013.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B. (orgs.). **Formação, Representações e Saberes docentes: elementos para se pensar a profissionalização dos professores no século XXI**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2014.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o Professor Profissionalizar o Ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

RAMOS, M. Y. “Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos”. **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 44, 2018.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SANTOS, G. M. T. **A qualidade da educação superior e a pedagogia universitária: um olhar sobre a docência** (Tese de Doutorado em Educação). Canoas: UNILASALLE, 2018.

SANTOS, G. M. T.; REIS, J. P. C. “COVID-19 e internacionalização em casa: potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem na educação superior”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 11, 2020.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: UNESCO, 2015.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem**, Brasília: UNESCO, 2016.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 12 | Nº 34 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima